

Conhecimentos e atitudes dos pais, menores e professores em relação ao abuso sexual

AMAIA DEL CAMPO SÁNCHEZ (*)

1. INTRODUÇÃO

Os programas de prevenção do abuso sexual infantil têm-se focalizado tradicionalmente nos menores ensinando-os a protegerem-se dos abusos. Mas o abuso sexual é um problema social, logo as campanhas de prevenção devem ser dirigidas à população em geral, especialmente aos pais e professores e não exclusivamente aos menores. Os programas devem tentar descentralizar das crianças a função de auto protecção como se fossem elas as únicas responsáveis por evitar o abuso (Berrick & Barth, 1992; López & Del Campo, 1997a, 1997b; Oates, Jones, Denson, Sirotnak, Gary & Krugman, 2000; Reppucci, Britner & Woolarl, 1997). Pelo contrário, no que diz respeito à responsabilidade do abuso, os menores devem ocupar a última posição (O'Donohue, Geer & Elliott, 1992).

(*) Facultad de Psicología, Universidad de Salamanca, Avenida de la Merced, 109-131, 37.005 Salamanca, España.

2. MÉTODO

A amostra é constituída por 113 crianças de idades compreendidas entre 8 e 12 anos, 252 pais 26 professores de educação primária, pertencentes a um colégio público e um colégio privado da cidade de Salamanca (Espanha).

O objectivo principal do nosso estudo é obter informação referente ao grau de conhecimentos que possuem os pais, professores e menores, sobre o abuso sexual infantil, grupos com os quais pretendemos começar a trabalhar na prevenção deste tipo de riscos, assim como conhecer a capacidade destes três grupos de enfrentarem um possível abuso sexual.

Partimos das seguintes hipóteses ou pressupostos básicos:

- Tanto pais, como professores e menores possuem escassa informação acerca dos abusos sexuais a menores e mantêm muitas falsas ideias em torno deles.
- Um número importante de menores silenciaria o abuso no caso de se produzir.
- Um número importante de pais e professores questionariam as revelações de um abuso.
- Os três grupos carecem de habilidades de

confronto diante de um possível abuso sexual.

- A maioria dos pais e professores não conhece os recursos sociais de apoio.

3. RESULTADOS

3.1. Estudo com pais

3.1.1. Conhecimentos dos pais acerca do abuso sexual a menores

Os resultados do nosso estudo evidenciam que os pais possuem pouca informação sobre os abusos sexuais a menores e mantêm muitas crenças errôneas em torno deste tema. Em geral, os pais pensam que os abusos são raros, especialmente no caso dos rapazes. Além disso, a maioria opina que os abusos sexuais se encontram associados a situações sociais específicas como famílias com baixos rendimentos ou com problemas. A percepção que os pais têm do agressor é de uma pessoa que exerce a violência no lar, que costuma estar sob influência do álcool ou drogas e crêem que na maioria dos casos são pedófilos.

No que toca à revelação dos abusos, a maioria crê que todas as vítimas acabam por comunicar aos seus pais a agressão sofrida, ao contrário do que ocorre na realidade. Sobre a credibilidade das vítimas, mais de metade dos pais consideram que muitos menores inventam histórias de abuso sexual para se vingar dos adultos, ainda que felizmente 68% indica que diante da revelação do

abuso a sua postura deve ser a de crer no seu filho/a.

A percepção que os pais têm do abuso sexual e dos seus efeitos também dista consideravelmente da realidade. A quase a totalidade dos pais opina que uma alta percentagem de abusos implica algum tipo de violência física para o menor, enquanto que as investigações nos mostram que os agressores costumam utilizar outro tipo de estratégias como o engano, subornos, ameaças, etc., calculando-se que tão somente em torno de 10% dos abusos o agressor empregou violência (López, 1994). Do mesmo modo, quase todos os pais mantêm que os efeitos que os abusos produzem nas crianças são sempre muito graves e deixam sequelas para toda a vida.

3.1.2. Atitudes dos pais em relação ao abuso sexual e o seu confronto

Mais da metade dos pais afirma já ter falado alguma vez com os seus filhos sobre os abusos sexuais e quase 70% disse ter conversado com eles sobre o tema da sexualidade. Estes resultados podem ser interpretados em princípio como positivos. Sem dúvida, como veremos mais adiante no estudo realizado com menores, apenas 27% deles afirma ter falado com os seus pais sobre os abusos sexuais e do mesmo modo, unicamente 29% revela ter falado em casa sobre a sexualidade.

Aproximadamente a metade dos pais afirma que saberia actuar ante um possível caso de abuso sexual, mas quando lhes perguntamos o que fariam nessa situação, a maioria não sabe responder adequadamente. Apenas 15% afirma que denunciaria o caso e procuraria ajuda de profissionais especialistas para o seu filho. Os res-

TABELA 1
Atitudes dos pais em relação ao abuso sexual e o seu confronto

	SIM	NÃO
<i>Falaram com os filhos sobre os abusos</i>	55%	45%
<i>Falaram com os filhos sobre sexualidade</i>	69%	31%
<i>Conhecem os recursos sociais de apoio</i>	19%	81%
<i>Saberiam actuar ante um possível abuso sexual</i>	52%	47%

tantes, não disseram o que fariam ou se limitariam a denunciar o caso. Como dado a destacar, 12% afirma que reagiria com violência contra o agressor. Quanto ao conhecimento dos recursos comunitários, verificámos que 81% dos pais confirmam não conhecer os recursos sociais que lhes podem proporcionar apoio nestes casos.

3.1.3. Atitudes dos pais em relação à denúncia

A grande maioria dos pais, em geral, têm uma atitude positiva em relação à denúncia. Noventa e oito por cento estão de acordo que se deve denunciar todos os abusos sexuais que se conheçam e esta mesma percentagem, opina que a denúncia é a melhor forma de prevenir a repetição do abuso. Sem dúvida, uma percentagem importante, 38%, afirma que a denúncia, causa normalmente mais prejuízos que benefícios e 28% crê que para denunciar um abuso sexual é necessário que existam evidências físicas do abuso.

3.2. Estudo com professores

3.2.1 Conhecimentos dos professores

Os resultados do estudo com professores coincidem de maneira surpreendente com os dados obtidos no estudo com pais no que diz respeito ao desconhecimento geral que ambos os grupos professam e às falsas crenças que mantêm fruto de tantos anos de silêncio neste tema. A grande maioria dos professores opina que os abusos sexuais são menos frequentes do que nos mostra a realidade e um percentagem importante (35%) estão convencidos de que é um problema actual.

No que toca à percepção que os professores

têm sobre os agressores, 27% afirma que a percentagem de homens e mulheres que abusam de menores é similar e 19% destes profissionais considera que a maioria dos agressores são desconhecidos. Mesmo assim, quanto às características do agressor, a metade deste grupo mantém uma falsa crença muito propagada que os agressores são doentes mentais e uma percentagem similar opina que na maioria dos casos são pederastas. Finalmente, verificámos também que 62% crê que os agressores são pessoas que também maltratam as suas mulheres.

Quanto ao tipo de abusos 46% dos educadores percebem os abusos vinculados sempre a violência física. Além disso, os professores têm uma visão exageradamente negativa dos efeitos dos abusos, considerando que são sempre muito graves e praticamente a totalidade do grupo afirma que inclusive depois do tratamento os menores terão sequelas do abuso durante toda a sua vida. Finalmente 81% crê que é impossível que algumas crianças que sofrem abusos sexuais possam experimentar prazer físico com o abuso.

3.2.2. Atitudes dos professores em relação ao abuso e o seu confronto

Do mesmo modo que no caso dos pais, a maioria dos professores (62%) confessa que não saberia actuar diante de um possível caso de abuso sexual e 69% afirma que não conhece os recursos sociais que podem oferecer-lhes ajuda nestes casos.

Encontramos diferenças significativas quanto ao tipo de colégio (público ou privado-religioso) tanto quanto ao confronto do abuso sexual como quanto aos conhecimentos sobre os recursos sociais comunitários de ajuda em casos de abuso sexual. Os professores do colégio público sen-

TABELA 2
Habilidades dos professores de confronto com abuso sexual

	SIM	NÃO
<i>Saberiam actuar diante de um possível abuso sexual</i>	38%	62%
<i>Conhecem os recursos sociais</i>	31%	69%

TABELA 3
Crenças erradas que os pais e professores mantêm sobre o abuso sexual

Falsas Crenças	PAIS	PROF.
1. A maioria dos abusos acontece em famílias com problemas	49%	35%
2. Muitas crianças inventam histórias de abuso sexual	43%	53%
3. Hoje em dia dão-se mais abusos que no passado	63%	35%
4. O número de rapazes que sofrem abusos sexuais é muito menor que o número de raparigas	68%	58%
5. Numa Família onde os pais se ocupam dos filhos é muito difícil ocorrer o abuso sexual	28%	19%
6. Aproximadamente 12% de menores sofrem abusos sexuais	90%	69%
7. Se uma criança revela que sofreu abuso sexual e em seguida o nega, provavelmente o abuso não existiu	38%	27%
8. Os efeitos do abuso sexual são sempre muito graves	82%	85%
9. A maioria dos agressores são desconhecidos	27%	19%
10. Algumas crianças que provocam os adultos são responsáveis pelo abuso	19%	8%
11. Se um filho/aluno nosso fosse sexualmente abusado/a nós seguramente nos daríamos conta	85%	46%
12. Normalmente o agressor também maltrata a sua esposa	69%	62%
13. Os familiares denunciam sempre um abuso sexual	100%	46%
14. Uma grande percentagem dos abusos implica violência contra o menor	89%	46%
15. A maioria das crianças que sofrem abusos contam aos adultos	76%	31%
16. Um número similar de rapazes e mulheres abusam sexualmente de menores	46%	27%
17. Muitos menores inventam histórias de abusos para se vingarem dos adultos	52%	65%
18. A maioria dos agressores só se sentem atraídos sexualmente por menores	70%	54%
19. A vítima, mesmo depois do tratamento, terá sequelas para toda a vida	91%	96%
20. As crianças nunca experimentam prazer físico com o abuso		81%
21. Os agressores normalmente são doentes mentais		50%
22. Os profissionais que denunciam os abusos podem ser demandados		77%

tem-se mais capacitados para actuar face a um possível caso de abuso sexual (qui-quadrado: = 8.54; $p < .005$) e também afirmam ter melhores conhecimentos sobre a existência e localização de recursos sociais (qui-quadrado = 5.26; $p < .05$) que os professores do colégio privado onde a maioria dos docentes são religiosas.

3.2.3. Atitudes dos professores face à denúncia

As atitudes dos professores frente a denúncia, tal como no caso dos pais, são muito positivas. A totalidade dos professores está de acordo que é necessário denunciar todos os casos de abuso sexual infantil e 88% afirma que a denúncia é uma das melhores formas de prevenir a repetição do abuso. A maioria (78%), entretanto, mantém a falsa crença de que os profissionais que denun-

ciam um abuso sexual podem ser solicitados pela família se o caso não é admitido a trâmite pelos tribunais, assim como uma pequena percentagem de professores (4%), crê que a denúncia corresponde unicamente os pais e 8% considera que para denunciar um abuso sexual é necessário que existam evidências físicas do abuso. Quanto à credibilidade dos menores, mais da metade dos professores (65%) afirma que as crianças de vez em quando inventam histórias de abuso sexual para se vingar de alguns adultos.

3.3. Estudo com os menores

3.3.1. Conhecimentos dos menores acerca do abuso sexual

O estudo realizado com menores revela-nos

TABELA 4
Crenças errôneas que os menores mantêm sobre o abuso sexual

Crenças Falsas e Respostas Inadequadas	Porcentagem
1. Os segredos sempre devem guardar-se	58%
2. Os rapazes e raparigas não têm direitos	39%
3. Não está bem dizer «não» a um adulto quando te pede que faças algo mal	27%
4. Quando se fala de abuso sexual, significa que te batem?	23%
5. Não está bem dizer «não» e ir-se embora se alguém te toca de forma que tu gostas	32%
6. As pessoas que abusam das crianças são sempre desconhecidos	42%
7. Se o teu/tua amigo/a te diz que se tu não lhe deres o teu último rebuçado não será mais teu amigo, tu dás?	54%
8. Se alguém te toca uma maneira que tu não gostas, tu tens parte da culpa?	21%
9. Os abusos sexuais só podem ocorrer em sítios distantes e escuros	41%
10. Se um adulto te diz que faças algo tu sempre deves fazê-lo	29%
11. Os amigos ou familiares não abusam das crianças	73%
12. Tu deves deixar que os adultos te toquem, gostes ou não	28%
13. Se um adulto abusa de uma criança é porque esta criança se portou mal	26%
14. Os rapazes e as raparigas maiores nunca tentam abusar de outros	44%
15. Pela aparência de uma pessoa podemos saber se ela pode fazer-nos mal	45%
16. Se alguém te acaricia e te pede que guardes o segredo, tu guarda-lo?	48%
17. Se alguém te toca de forma que tu não gostas e te diz que te fará mal se contares a alguém e que além disso ninguém vai acreditar em ti, tu contarias?	25%
18. Se tens um problema e o contas a um adulto mas ele não acredita em ti, deves tentar esquecer o problema	32%
19. Se te acontece algo que te assusta ou que te envergonhe, é melhor escondê-lo	43%
20. Se um adulto te pede, deves sempre guardar segredo	46%
21. Se alguém abusa de ti, mas promete não fazê-lo mais, tu dirias a alguém?	42%

que estes possuem escassa informação sobre os abusos sexuais e carecem de habilidades para discriminar os abusos de outros contactos normais, identificar as estratégias dos agressores e enfrentar eficazmente um possível abuso sexual. Trinta e nove por cento de menores crê que, diferente dos adultos, as crianças não têm direitos. Esta crença manifesta-se especialmente no que diz respeito ao direito de dizer não, de forma que 28% crê que nunca devem negar os pedidos dos adultos e 32% consideram que não é certo dizer não e ir-se embora diante de um abuso. Quanto ao significado do abuso sexual, apesar de que a maioria dos menores já ouviu falar deste tema, 23% confunde o abuso sexual com a violência física, situando, em muitos casos, a culpa no menor por ter permitido o abuso e em 26% dos casos o abuso sexual é percebido como castigo pelo seu mal comportamento. Além disso, quase metade dos menores crê que os abusos só

ocorrem em determinados contextos como lugares distantes e escuros.

A percepção dos menores sobre os agressores é de uma pessoa desconhecida para 42% deles e 73% afirmam que os familiares ou amigos nunca são agressores. Quanto à idade dos agressores, 44% crê que são sempre adultos e uma percentagem similar opina que se pode reconhecer um agressor pela sua aparência física. Diante das estratégias dos agressores os resultados mostram que a maioria dos menores carece das habilidades necessárias para evitar a agressão. Diante de uma situação abusiva na qual o agressor utiliza a ameaça, 25% dos menores reagiriam aceitando o pedido e 20% aceitariam os subornos dos agressores como prémio pelo seu silêncio em relação à situação abusiva. A respeito da comunicação do abuso, os resultados encontrados concordam com a informação que nos oferecem outros estudos (López, 1994) no sentido de que um número

TABELA 5
Comentários sobre a sexualidade e os abusos sexuais com os pais

	SIM	NÃO
<i>Falaram sobre os abusos sexuais com os pais</i>	28%	72%
<i>Falaram sobre sexualidade com os pais</i>	29%	71%

importante de menores decidem silenciar a agressão. Diante de uma situação de abuso, em princípio parece que só 14% dos menores o silenciariam. Sem dúvida, se o agressor fosse um conhecido esta percentagem aumenta até aos 27% e no caso de que o agressor promettesse não voltar a fazê-lo mais aumentaria até os 42% de menores que ocultariam o abuso. Além disso 32% de menores afirmam que se revelam o abuso a uma pessoa que não lhe dá crédito, a revelação não se vai produzir a outras pessoas.

3.3.2. Comentários sobre a sexualidade e os abusos sexuais

Como se pode apreciar na Tabela 4.9, algo mais do que 70% dos menores afirma que nunca falou com os seus pais nem sobre a sexualidade nem sobre os abusos sexuais a menores, percentagem que aumenta de forma significativa no caso das crianças mais pequenas ($p < .01$). Verificámos também diferenças significativas quanto ao tipo de colégio, de forma que os menores do colégio público afirmaram ter mantido diálogos com os seus pais sobre estes temas com uma frequência significativamente maior que do colégio privado ($p < .05$).

4. CONCLUSÃO

Os resultados do nosso estudo enfatizam a necessidade de começar a trabalhar na prevenção dos abusos sexuais a menores desfocando a intervenção tradicional exclusiva com menores e elaborando programas para pais e educadores. É necessário que tanto pais como professores recebam informações verdadeiras, para acabar com o desconhecimento e as crenças erradas que mantém em torno deste tema. Os pais e educadores que participem em programas de prevenção

podem aprender a identificar os sinais de abuso sexual nos menores, evitando com isso a possibilidade de repetição do abuso. Por outro lado, as discussões com os pais e professores sobre o tema do abuso sexual, podem tornar mais simples para o menor a revelação do abuso, no caso dem se produzir. Além disso, tendo em conta que a reacção do meio ambiente é fundamental para amenizar os possíveis efeitos traumáticos, os programas de prevenção podem ensinar aos pais e professores a actuar de forma adequada diante de um possível caso de abuso, oferecendo a ajuda necessária que contribua a reduzir os efeitos negativos. Por último, a participação dos pais e educadores nos programas de prevenção pode evitar que estes sejam futuros agressores, ou no caso de já terem cometido os abusos, pode ajudá-los a reconhecer o seu problema e a procurar ajuda para si próprios e para as vítimas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Berrick, J. D., & Barth, R. P. (1992). Child sexual abuse prevention: Research review and recommendations. *Social Work Research and Abstracts*, 28 (4), 6-15.
- Calvert, J. F., & Munsie-Benson, M. (1999). Public opinion and knowledge about childhood sexual abuse in a rural community. *Child Abuse and Neglect*, 23 (7), 671- 682.
- Davey, R. I., & Hill, J. (1995). A study of the variability of training and beliefs among professionals who interview children to investigate suspected sexual abuse. *Child Abuse and Neglect*, 19 (8), 933-942.
- Del Campo, A., & López, F. (1997a). *Prevención de abusos sexuales a menores. Unidad Didáctica para Educación Infantil*. Salamanca: Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales y Amarú Ediciones.
- Del Campo, A., & López, F. (1997b). *Prevención de abusos sexuales a menores. Unidad Didáctica para Educación Primaria*. Salamanca: Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales y Amarú Ediciones.

- Del Campo, A., & López, F. (1997c). *Prevención de abusos sexuales a menores. Unidad Didáctica para Educación Secundaria*. Madrid: Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales y Amarú Ediciones.
- Díaz-Huertas, J. A., Casado, J., & Martínez, C. (2000). *Abuso sexual en la infancia*. Madrid: Díaz Santos.
- Echeburúa, E., & Gerricaechevarría, C. (2000). *Abuso sexual en la infancia: Víctimas y agresores. Un enfoque clínico*. Barcelona: Ariel.
- Hartman, G. L., Karlson, H., & Hibbard, R. A. (1994). Attorney attitudes regarding behaviors associated with child sexual abuse. *Child Abuse and Neglect*, 18 (8), 657-662.
- Hazzard, A., Kleemeier, C. P., & Webb, C. (1990). Teacher versus expert presentations of sexual abuse prevention programs. *Journal of Interpersonal Violence*, 5 (1), 23-36.
- Jacobs J. E., Hashima, Y., & Kenning, M. (1995). Children's perceptions of the risk of sexual abuse. *Child Abuse and Neglect*, 19 (12), 1443-1457.
- López, F. (1994). *Abusos sexuales a menores. Lo que recuerdan de mayores*. Madrid: Ministerio de Asuntos Sociales.
- López, F. (1995). *Prevención de los abusos sexuales de menores y educación sexual*. Salamanca: Amarú.
- López, F., Carpintero, E., Hernández, A., Martín, M. J., & Fuertes, A. (1995). Prevalencia y consecuencias del abuso sexual del menor en España. *Child Abuse and Neglect*, 19 (9), 1039-1050.
- López, F., & Del Campo, A. (1997a). *Prevención de abusos sexuales a menores. Guía para educadores*. Madrid: Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales y Amarú Ediciones.
- López, F., & Del Campo, A. (1997b). *Prevención de abusos sexuales a menores. Guía para padres y madres*. Madrid: Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales y Amarú Ediciones.
- McGrath, P. (1987). Teacher awareness program on child abuse: A randomized controlled trial. *Child Abuse and Neglect*, 11, 125-132.
- Oates, R. K., Jones, D. P., Denson, D., Sirotak, A., Gary, N., & Krugman, R. D. (2000). Erroneous concerns about child sexual abuse. *Child Abuse and Neglect*, 22 (1), 149-157.
- O'Donohue, W., & Geer, J. H. (Eds.) (1992). *The sexual abuse of children: Theory and Research* (Vol. 1). New Jersey: Laurence Erlbaum Associates.
- O'Donohue, W., & Geer, J. H. (Eds.) (1992). *The sexual abuse of children: Clinical Issues* (Vol. 2). New Jersey: Laurence Erlbaum Associates.
- Randolph, M. K., & Gold, C. A. (1994). Child sexual abuse prevention: Evaluation of a teacher training program. *School Psychology Review*, 23 (3), 485-495.
- Ray, K. C., & Jackson, J. L. (1997). Family environment and childhood sexual victimization. A test of the buffering hypothesis. *Journal of Interpersonal Violence*, 12 (1), 3-17.
- Reppucci, N. D., Britner, P. A., & Woolarl, J. L. (1997). *Preventing child abuse and neglect through parent education*. Baltimore: Paul H. Brookes Publishing Co.
- Tutty, L. M. (1992). The ability of elementary school children to learn child sexual abuse prevention concepts. *Child Abuse and Neglect*, 16 (3), 369-84.
- Tutty, L. M. (1993). Parent's perceptions of their child's knowledge of sexual abuse prevention concepts. *Journal of Child Sexual Abuse*, 2 (1), 83-103.

RESUMO

O presente trabalho tem como objectivo estudar os conhecimentos e as atitudes dos pais, menores e professores em relação ao abuso sexual, como ponto de partida para a elaboração de programas de prevenção. Os sujeitos deste estudo foram 113 menores de idades compreendidas entre os 8 e os 12 anos, 225 pais e 26 professores ensino básico.

Os resultados da nossa investigação indicam que tanto os pais como os professores possuem muito pouca informação sobre a realidade do abuso sexual infantil e mantêm inúmeras crenças erradas em torno deste tema. No que concerne aos menores, a maioria ouviu falar alguma vez do abuso sexual e, sem dúvida, têm uma visão do abuso unida à violência na qual os agressores são sempre desconhecidos.

Palavras-chave: Abuso sexual, conhecimentos, pais, menores, professores.

ABSTRACT

The object of the present paper was to study the knowledge and attitudes of parents, minors and teachers regarding sexual abuse, as a starting point for preparing programs for the prevention of the sexual abuse of children.

The study was carried out with 113 minors aged between 8 and 13, 225 parents and 26 teachers. The results of our research reveal that both parents and teachers have very little information on the reality of child sexual abuse and maintain many false beliefs about this subject. For example, as regards the minors, most of them have heard of sexual abuse at some time, but their view of abuse is linked to violence where the aggressors are always strangers.

Key words: Sexual abuse, knowledge, parents, minors, teachers.